



MUSEUS, INFORMAÇÃO E SERVIÇO PÚBLICO: O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO NUM MUSEU DE MEMÓRIA

MUSEUMS, INFORMATION AND PUBLIC SERVICE: THE DOCUMENTATION CENTER IN A MEMORY MUSEUM

Luís Farinha

Ex-Diretor do MARL. Presidente do Conselho Consultivo do MARL. E-mail: luis.farinha@sapo.pt

RESUMO

A instalação de um Museu de Memória como o Museu do Aljube Resistência e Liberdade (Lisboa, 2015) levantou, desde o início a necessidade de um Centro de Documentação e, de forma mais problemática, da criação de um Arquivo. A prática dos sete primeiros anos de vida do Museu esclareceu, cabalmente, algumas dúvidas iniciais. Um Museu comunitário como o Museu do Aljube, centrado sobre as memórias traumáticas (e persistentemente silenciosas) da repressão policial num Estado de exceção, praticamente sem coleção de objetos materiais para expor, vive muito especialmente das representações e das práticas educativas e cidadãs que, em interface com a comunidade (e com outros museus congêneres, nacionais e estrangeiros), consegue desenvolver, seja através da recolha de documentação, de testemunhos e de objetos, seja através das práticas educativas sustentadas sobre a documentação existente ou sobre os testemunhos vivos que persistem. O Museu não vive de objetos raros para contemplar e apreciar, como um Laboratório de Curiosidades ou um Museu de Arte. Vive das práticas museológicas e educativas contruídas, a cada momento, (para públicos diferentes), com os materiais que possui ou que constrói a partir dos acervos do seu Centro de Documentação e do seu Arquivo, bem como da memória – por natureza imaterial -, que recupera dos imensos corredores de silêncio instalados. Acresce ainda ao precedente, o facto de as doações de materiais ao Arquivo -, a maioria feita por ex-presos e perseguidos e seus familiares -, se realizarem sobre a inspiração de um crivo sentimental que não pode ser ignorado no ato de doação e, depois, na sua utilização como material com constante manuseio na construção de produtos pedagógicos e educativos, sem menosprezo pela investigação desenvolvida por alunos (em laboratório) ou por investigadores especializados. Acresce às valências já apontadas a possibilidade de, através de meios informáticos, o Museu estar em condições de poder dar acesso ins-

166



tantâneo ou intermediado a um conjunto vasto de informação, uma original e outra construída, de inegável interesse tanto para público português como para público estrangeiro. Passados sete anos sobre a sua fundação, o Museu do Aljube tem um Arquivo digital com vários fundos acessíveis e continua a receber, através de doação, espólios e acervos documentais de uma enorme utilidade para o enriquecimento da prática museológica e educativa e para estudo especializado ou consulta do público em geral. Como Museu de Memória coletiva, cumpre-lhe ainda o papel de receber os objetos de memória individual ou familiar que muitos perseguidos e presos políticos não entregariam noutra local, por não lhes fazer sentido. Ao entregá-los, sentem-se a participar na construção de uma Memória coletiva que desejam vivificar e perpetuar, como herança inspiradora dos novos patamares de resistência à opressão e de luta pela liberdade democrática.

Palavras-chave: Museu de Memória. Silêncio. Trauma. Memória Comunitária. Resistência

ABSTRACT

The installation of a Museum of Memory such as the Museu do Aljube Resistência e Liberdade (Lisbon, 2015) raised, from the beginning, the need for a Documentation Center and, more problematically, the creation of an Archive. The practice of the first seven years of the Museum's life completely clarified some initial doubts. A community museum like the Museu do Aljube, centered on the traumatic (and persistently silent) memories of police repression in a state of exception, with practically no collection of material objects to exhibit, lives very especially from representations and educational and citizen practices that, in interface with the community (and with other similar museums, national and foreign), it manages to develop, either through the collection of documentation, testimonies and objects, or through educational practices based on the existing documentation or on the living testimonies that persist. The Museum does not live on rare objects to contemplate and appreciate, such as a Curiosities Laboratory or an Art Museum. It lives from the museological and educational practices built, at every moment, (for different audiences), with the materials it owns or builds from the collections of its Documentation Center and its Archive, as well as from memory - by its immaterial nature -, that recovers from the immense corridors of silence installed. In addition to the foregoing, the fact that the donations of materials to the Archive - the majority made by former prisoners and those perse-



cuted and their families - are carried out under the inspiration of a sentimental sieve that cannot be ignored in the act of donation and, then, in its use as a material with constant handling in the construction of pedagogical and educational products, without disregarding the research developed by students (in the laboratory) or by specialized researchers. In addition to the valences already mentioned, the possibility that, through computerized means, the Museum is in a position to be able to give instant or intermediate access to a vast set of information, one original and the other constructed, of undeniable interest both for the Portuguese public and for the foreign public. . Seven years after its foundation, the Museu do Aljube has a digital archive with several accessible funds and continues to receive, through donations, estates and documentary collections of enormous use for the enrichment of museological and educational practice and for specialized study or consultation of the general public. As a Museum of Collective Memory, it also fulfills the role of receiving objects of individual or family memory that many persecuted and political prisoners would not deliver elsewhere, as it does not make sense to them. By handing them over, they feel they are participating in the construction of a collective memory that they want to vivify and perpetuate, as an inspiring legacy of the new levels of resistance to oppression and the struggle for democratic freedom.

Keywords: Museum of Memory. Silence. Trauma. Comunitary Memory. Resistance.

168

Recebido/ Received: 14/09/2022

Aceito/ Accepted: 18/10/2022

Publicado/ Published: 15/11/2022